





NOTA SOBRE O MÉTODO DE EXPOSIÇÃO

João P. Pereira ¹
Francisco Pereira de
Farias ²

¹ Graduando de Filosofia da UFPI.


¹ Universidade Federal do Piauí, UFPI, Brasil.
E-mail: joaojoluappoeta@gmail.com


Lattes iD 

ORCID: 

² Docente de Ciência Política da UFPI.

² Universidade Federal do Piauí, UFPI, Brasil.
E-mail: franperfarias@gmail.com

Lattes iD 

ORCID: 



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional *Creative Commons* Atribuição 4.0. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

I

O discurso da ciência baseada na “demonstração crítica” (Marx) aparece como um conjunto de argumentos autoconscientes. A nossa reflexão tem início, então, pela análise desta consciência do argumento, a unidade última.

Há dois tipos básicos de ciência do argumento: a Lógica da inferência proposicional e a Lógica da inferência predicativa. Observa-se a relação de proposições e a relação dos termos de uma proposição. A relação entre proposições ou o cálculo proposicional dá lugar à lógica formal, que se expressa em linguagem algébrica. Trata-se, portanto, de entender a forma do pensamento racional.

Por sua vez, a relação entre termos de uma proposição extrapola o formalismo e requer que o pensamento retenha um conteúdo efetivo. Do contrário a relação entre os termos restaria indeterminada. Ora, a determinação é o objetivo da relação predicativa. Então, o formalismo torna-se incompatível com a inferência determinante. A relação predicativa enseja a lógica dialética, expressa em linguagem histórica

O pensamento se dá um conteúdo histórico, de coisa efetiva, de coisa que está no mundo e se torna distinta do pensamento. Tem-se o fenômeno, um movimento exterior, distinto da coisa imaginada.

A coisa imaginada é interna ao pensamento, não produz por si mesma um efeito no mundo exterior. Tem-se uma representação pura, um movimento interior. A personagem do romance literário é análoga à figura do sonho noturno. A abstração imaginária, por assim dizer, produz um efeito secundário no mundo exterior. A personagem literária ou o sonho noturno trazem efeitos catárticos sobre os indivíduos.

Mas nem toda coisa interna ao pensamento é apenas imaginação. Uma abstração efetiva produz consequência primária no mundo exterior. A norma abstrata produz o efeito de orientar as condutas humanas.

Se a coisa exterior prescindir do simbolismo enquanto determinante causal; a abstração, não. O ônibus perde o freio e capota na curva - causa e efeitos externos. O indivíduo se convence a votar no partido X - causa interna, efeito externo. Por outro lado, nem todo símbolo imaginado serve de móvel a uma abstração efetiva. Uma regra institucional, posta pelo governante, que não se ligue à normatividade espontânea das condutas sociais se torna letra morta.

A Lógica dialética delimita, pois, seu âmbito de conhecimento a partir desta tríade: abstração efetiva, abstração imaginária e coisa exterior.

II

Entre as dádivas da “dialética” está a sua desconfiança sobre o dado, o imediato, a lei da aparição. O essencial torna-se invisível aos olhos, logo, o conhecimento parte da empiria para perceber o outro de si; o mero descrever, por exemplo, é já errar. Sobre isso, diz-nos Hegel no livro 2, A doutrina da essência, de sua Grande Lógica: “a relação é, portanto, determinadamente esta: que o mundo [social, de senhores e escravos] que é em si e para si é o mundo invertido do mundo que aparece” (Hegel, 2017: 166). E completa em seguida:

Ambos os mundos, portanto, relacionam-se um para com o outro, de modo que aquilo que é positivo no mundo que aparece, no mundo que é em si e para si é negativo, [e] inversamente, o que é negativo naquele, nesse é positivo (Ibid., p. 167).

As aparências enganam, portanto. Podem enganar. A aparência é para nós, não em si, que vemos a parte sem o todo de modo imediato.

Do abstrato, vejamos um exemplo mais concreto. Marx começa O Capital pela aparência efetiva, a riqueza, uma coleção de mercadorias, no modo de produção capitalista. Tal modo de aparecer efetivo, produz uma ilusão de igualdade: o patrão tem dinheiro e o operário, força de trabalho; por meio de um contrato, trocam equivalentes, permanecem iguais. Assim:

Ambos os mundos, portanto, relacionam-se um para com o outro, de modo que aquilo que é positivo no mundo que aparece, no mundo que é em si e para si é negativo, [e] inversamente, o que é negativo naquele, nesse é positivo (Ibid., p. 167).

As aparências enganam, portanto. Podem enganar. A aparência é para nós, não em si, que vemos a parte sem o todo de modo imediato.

Do abstrato, vejamos um exemplo mais concreto. Marx começa O Capital pela aparência efetiva, a riqueza, uma coleção de mercadorias, no modo de produção capitalista. Tal modo de aparecer efetivo, produz uma ilusão de igualdade: o patrão tem dinheiro e o operário, força de trabalho; por meio de um contrato, trocam equivalentes, permanecem iguais. Assim:

A esfera da circulação ou da troca de mercadorias, em cujos limites se move a compra e a venda da força de trabalho, é, de fato, um verdadeiro Éden dos direitos inatos do homem. Ela é o reino exclusivo da liberdade, da igualdade, da propriedade e de Bentham. (Marx, 2013: 250)

Mas eis a passagem para o real-efetivo, a verdade, a essência:

Ao abandonarmos essa esfera da circulação simples ou da troca de mercadorias, de onde o livre-cambista vulgar extrai noções, conceitos e parâmetros para julgar a sociedade do capital e do trabalho assalariado, já podemos perceber uma certa transformação, ao que parece, na fisionomia de nossas personagens teatrais. O antigo possuidor de dinheiro se apresenta agora como capitalista, e o possuidor de força de trabalho, como seu trabalhador. O primeiro, com um ar de importância, confiante e ávido por negócios; o segundo, tímido e hesitante, como alguém que trouxe sua própria pele ao mercado e, agora, não tem mais nada a esperar além da... esfola. (Ibid., p. 251)

Quanto ao método de exposição, tem seu lastro – embora não identidade – no modo de pesquisa e no modo de ser da própria realidade. Começamos a expor pela aparência porque o começo da pesquisa tem de ser, também, pelo que aparece; o aparecer deve ser, ele mesmo, explicado. Marx tem de começar pela aparência, a circulação simples de mercadorias, que também é um começo histórico purificado, para que a exposição seja inteligível.

Ditos os eixos metodológicos, a relação de governante e governado na formação capitalista parece satisfatória e completa para ambos. Os dois lados precisam um do outro como o conceito de pai apenas pode existir com o conceito de filho, a categoria de vendedor apenas com a de comprador. São reflexivos, interdependentes, mas não iguais de todo. Se o burguês possui o capital, uma abstração; o governante possui o poder-dominação, abstração outra. Abstrações do concreto. O burguês tem o sistema de máquinas e o governante, a polícia profissional. Toda a igualdade das trocas justas desfaz-se quando consideramos o tempo e o contexto, isto é, a essência.

O método de exposição deve, pois, ter isso em conta ao máximo: a realidade social até hoje é um compósito de aparência e essência. A exposição precisa expressar tal verdade ao seu modo.

III

1) Hegel (1941, p. 69):

Esse cepticismo, que atinge a perfeição, não é, pois, o que um zelo severo pela verdade e pela ciência tem a ilusão de ter aprontado e aparelhado para elas, a saber: o propósito de não se entregar na ciência à autoridade do pensamento alheio, e só seguir sua própria convicção; ou melhor ainda: tudo produzir por si mesmo, e só ter o seu próprio ato como sendo o verdadeiro. [...] Seguir sua própria opinião é, em todo o caso, bem melhor do que abandonar-se à autoridade; mas com a mudança do crer na autoridade para o acreditar na própria convicção não fica necessariamente mudado o conteúdo mesmo; nem a verdade, introduzida em lugar do erro.¹

¹ Tradução da Edição Le Livros (on-line).

De fato, a substituição de uma crença dogmática (autoridade religiosa) por uma crença axiomática (autoridade racional) não muda em essência nada. O sistema de crenças é uma fonte do conhecimento desajustado, do erro, porque não pode operar de modo dialético, isto é, sem fundamento ou princípio algum – que é o modo de conhecer adequado ao processo histórico.

2) Marx (1983, p. 20):

A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori*.

Torna-se evidente que o pesquisador precisa dedicar a atenção não apenas ao método de pesquisa, mas também ao método de exposição. Neste último está especificidade da ciência: o espelhamento do movimento efetivo das coisas ou do mundo. Esta reconstrução mental difere do formalismo, por não se dar qualquer princípio - postulado, dogma, axioma -, afastando-se de uma construção *a priori*.

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. W. **Phénoménologie de l'esprit**. Paris : Aubier, 1941. [Introduction, p. 65-77.]

HEGEL. **Ciência da Lógica - A Doutrina da Essência**. Bragança Paulista: Vozes, 2017.

MARX, K. **O capital I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. v.1 São Paulo: Abril Cultural, 1983. [Posfácio da Segunda Edição Alemã (1873), p. 15-21.]